



Hermes Hermeticus: o mensageiro enigmático do Teatro

Pedro Henrique Tubiana Pereira / 16 de novembro de 2023 / Reportagem

Artes cênicas | Amigos, familiares e companheiros de palco relembram a trajetória do ator, iluminador, escritor e diretor Hermes Mancilha, importante figura negra da dramaturgia porto-alegrense

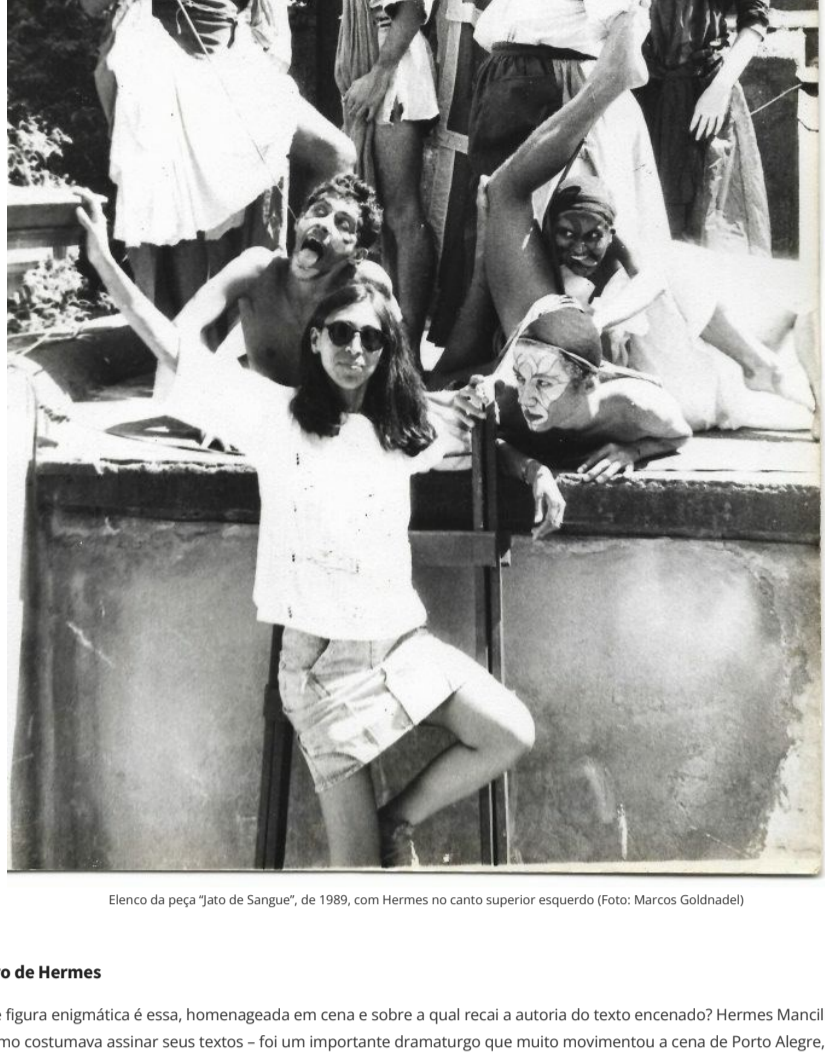
*Hermes Mancilha, em recorte de foto do elenco da peça "Jato de Sangue", de 1989 (Marcos Goldnadel)

Em uma ensaiada tarde de domingo, dia no qual um diverso público circula por um dos mais importantes parques da cidade de Porto Alegre, a imagem do dramaturgo Hermes Mancilha é levantada em frente ao arco da Redenção, importante ponto de referência desse parque central, oficialmente chamado de Parque Farrroupilha. Quem levanta a imagem de Hermes é a Usina do Trabalho do Ator (UTA), em uma encenação inspirada num texto do dramaturgo: "Zaze-Zaze, uma questão de fé", que foi adaptada pelo grupo para "Zaze-Zaze, uma festa para Vavó".

A peça gira em torno de Vavó, representante do arquétipo da mulher negra brasileira. A personagem negra, idosa e pobre ditava um tom especialmente triste no texto original, mas a interpretação da UTA tentou trazer otimismo para a composição. Integrante da UTA e professora do Colégio de Aplicação da UFRGS, Dedy Ricardo comenta: "A gente não queria falar só sobre pobreza, porque a gente percebe nas personagens do texto uma grandeza de espírito, de cultura, de vida, de experiência".

"Vontade de homenagear o Hermes, vontade de homenagear as mulheres negras; a personagem principal da peça é uma mulher negra"

— Dedy Ricardo



Elenco da peça "Jato de Sangue", de 1989, com Hermes no canto superior esquerdo (Foto: Marcos Goldnadel)

O Teatro negro de Hermes

Mas, afinal, que figura enigmática é essa, homenageada em cena e sobre a qual recai a autoria do texto encenado? Hermes Mancilha – ou Hermes Hermeticus, como costumava assinar seus textos – foi um importante dramaturgo que muito movimentou a cena de Porto Alegre, do estado e do país. Com o nome da divindade grega da comunicação, o ator, iluminador, escritor e diretor foi responsável pelo desenvolvimento de uma dramaturgia negra muito própria, inclusive se utilizando de mitos e tragédias gregas como base para narrativas afro-diaspóricas e popularmente brasileiras.

Shirley Santos, amiga de longa data que herdou o material escrito por Hermes Mancilha, comenta que foi Ivo Bender, professor do Departamento de Arte Dramática (DAD) da UFRGS que deu a Hermes a ideia de recorrer às próprias raízes na escritura do texto. Em "Como a moça foi sacrificada pela sua família e como o rapaz a trouxe lá de baixo", peça escrita para um trabalho de faculdade, Hermes encenou o conto de Perséfone, deslocando-o do Mediterrâneo para uma comunidade brasileira.

Apesar de ter desenvolvido uma dramaturgia negra muito própria e próxima de suas raízes, nem sempre as encenações contavam com um elenco negro. Esse fato nada mais é do que um reflexo da própria constituição, majoritariamente branca, do corpo discente – e docente –, do Departamento de Arte Dramática antes da implantação da política de ações afirmativas.

Jessé Oliveira está à frente do Grupo Caixa Preta de teatro desde a sua criação em 2002. Composto por pessoas negras, o grupo não só trabalha com narrativas afro-diaspóricas como também estrela elencos negros em sua totalidade. Jessé também organizou um ciclo de leituras dramáticas em homenagem a Hermes Mancilha, em 2018, no período em que dirigiu a Casa de Cultura Maria Quintana (CCMQ). Sobre a adaptação de tragédias europeias para contextos mais próximos da cultura negra, Jessé comenta: "Reinterpretar os clássicos é uma forma de pensar aquilo que é universal. O que demarca a dramaturgia universal? Lidar com arquétipos, lidar com arquétipos humanos, lidar com a universalidade do humano... Ora, nós, pessoas negras, também somos humanos, logo também somos universais".



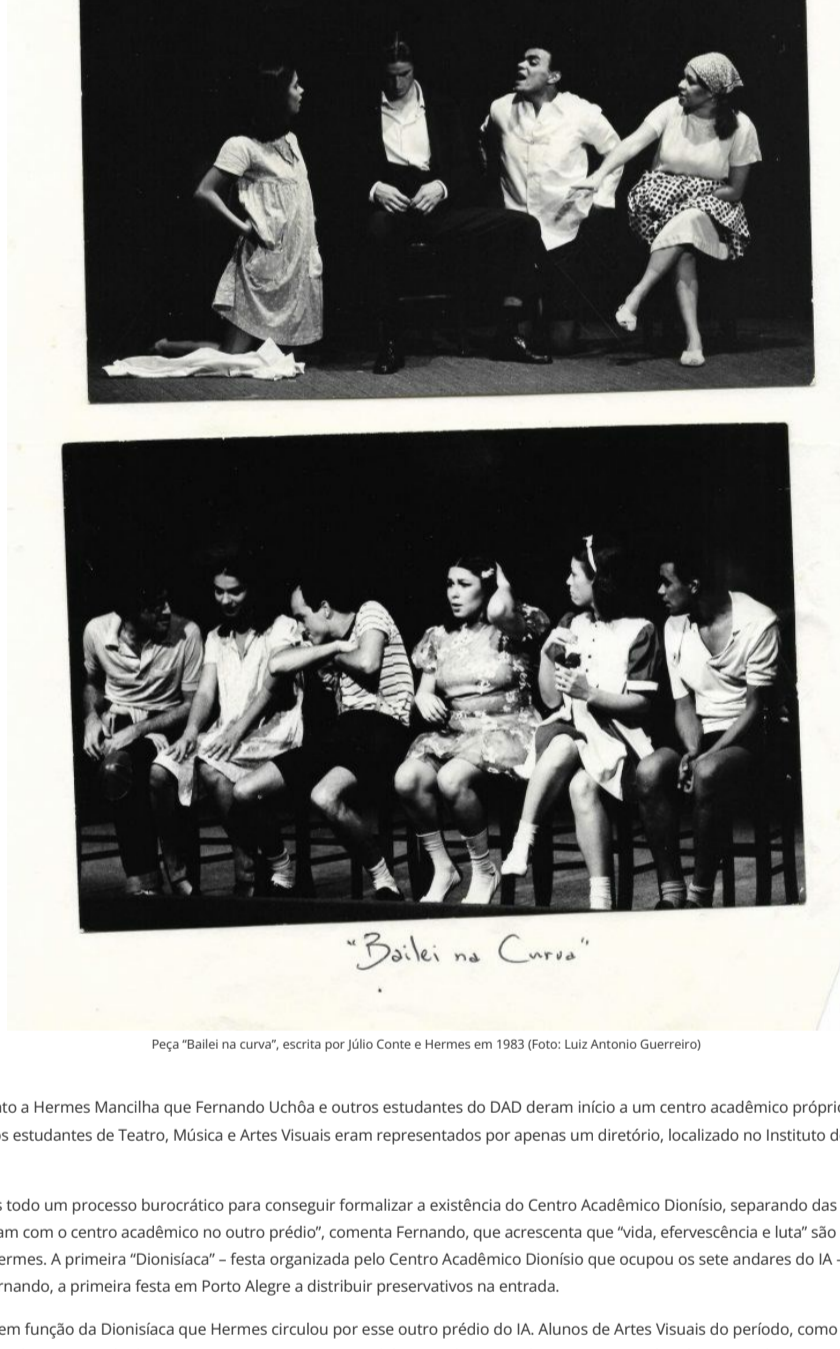
Peça "O Espelho", de 1981 (Foto: Getúlio Amaral Margueir)



Peça "Aprendizes do Império", de 1989 (Foto: Inene Santos)

O mensageiro e sua mensagem em trânsito

Júlio Conte e Hermes foram companheiros de tablado e escreveram em conjunto a histórica peça "Balei na Curva", cuja encenação conquistou o estado e o país. Hermes era o único ator negro que integrava o elenco. Sobre a personagem de Hermes no Balei, Pedro Júlio comenta que: "Ele é incorporado como adotivo, isso contribuiu absurdamente para a modernidade da peça, que deixou de ser vista de um ponto de vista da branquitude, mas do ponto de vista de que o personagem negro é um adotado, ou seja, ele tá dentro de uma situação de exclusão; e é justamente esse o herói da história". Sob a direção de Júlio, na primeira década do século XXI, a CCMQ teve uma de suas salas nomeadas em homenagem a Hermes.



Peça "Balei na curva", escrita por Júlio Conte e Hermes em 1983 (Foto: Luiz Antonio Guerrero)

Foi também junto a Hermes Mancilha que Fernando Uchida e outros estudantes do DAD deram início a um centro acadêmico próprio dos alunos de Teatro. Antes, os estudantes de Teatro, Música e Artes Visuais eram representados por apenas um diretório, localizado no Instituto de Artes (IA), um outro prédio.

"Fizemos juntos todo um processo burocrático para conseguir formalizar a existência do Centro Acadêmico Dionísio, separando das outras duas artes, que ficavam com o centro acadêmico no outro prédio", comenta Fernando, que acrescenta que "vida, efervescência e luta" são as palavras que caracterizam Hermes. A primeira "Dionísíada" – festa organizada pelo Centro Acadêmico Dionísio que ocupou os sete andares do IA –, foi, pela memória de Fernando, a primeira festa em Porto Alegre a distribuir preservativos na entrada.

Mas não foi só em função da Dionísíada que Hermes circulou por esse outro prédio do IA. Alunos de Artes Visuais do período, como Fábio Valle, chegaram a desenhar a figura do dramaturgo, que posou como modelo para algumas aulas no Instituto. Fábio diz que ainda tem viva a imagem de Hermes circulando pelos corredores nu, coberto apenas por um pano.



Desenho de Hermes feito por Fábio Valle

Hermes também teve uma passagem muito significativa pelo Centro Humanístico Vida, onde realizava oficinas de teatro, trabalhando com a periferia da cidade. Maria Isabel Gonçalves, amiga que conheceu nesse projeto, relata um episódio marcante: durante uma época, ela decidiu trancar a faculdade de Jornalismo, e foi Hermes quem insistiu para que a amiga continuasse estudando.

"O Hermes era muito esotérico; ele passava um lápis preto nos olhos às vezes, a gente chamava ele de meio bruxo. Ele não era muito de falar as coisas; ele te olhava e dizia coisas estranhas, que depois vinham a fazer sentido"

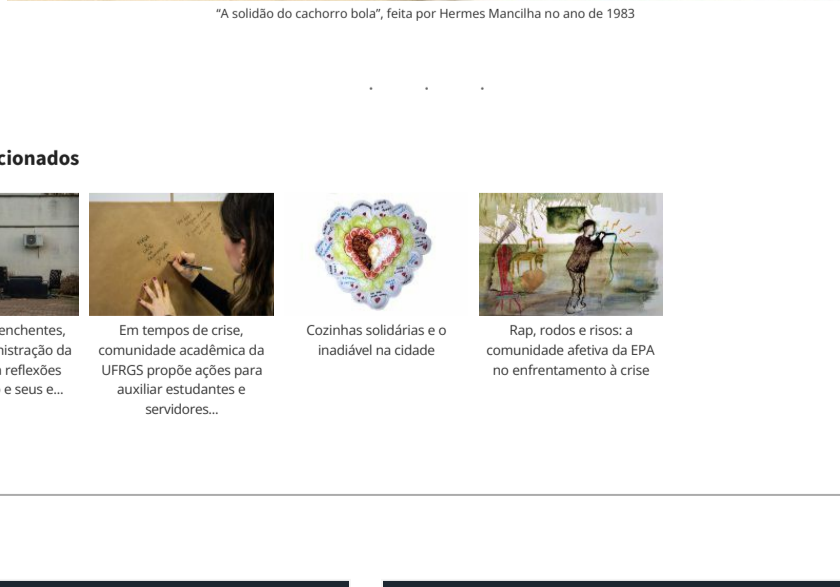
— Maria Isabel Gonçalves

Paulo Aquilino comenta que o irmão foi o aluno que mais leu livros da biblioteca na escola em que estudaram. Mas em uma família com baixo poder aquisitivo, Hermes foi arrojado em um vestibular concorrido da universidade federal de Jernal no Balei. Paulo admirava a guerra do irmão. Naturais de Camaquã, cresceram em Canoas, região metropolitana de Porto Alegre. No entanto, desde novo, Paulo trabalhava e estudava, e mesmo sendo irmãos, o convívio muitas vezes não era direto, em função de horários conflitantes. Sobre a aproximação de Hermes com as religiões de matriz africana, Paulo comenta: "A madrinha dele era ialorixá; depois de adulto, ele veio a fazer a fatura, o ritual para o orixá. Ele gostava muito".

Os enigmas do Hermético

Para Júlio Conte, Hermes era como a Esfinge: "Decifra-me ou te devoro". No fim de sua vida, adoeceu, e aos poucos foi se afastando de muitos amigos, deixando-os com mais um de seus enigmas. Não eram poucos. O enigma da morte quem sabe seja o menor quando comparado com a magnitude e riqueza dos enigmas da vida propostos pelo dramaturgo. Seus textos enigmáticos, portados hoje por Shirley Santos, guardam incentivo financeiro para que, em uma publicação digna, alcancem o público maior.

Na recente interpretação de "Zaze-Zaze" encenada pela Usina do Trabalho do Ator, um dito popular, não presente no texto original, fala muito do trabalho de Hermes e da importância de manter viva sua memória: "Eku matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje". O tempo não é linear, tal qual o trabalho de Hermes não teve fim com a sua morte. O trabalho e a memória de Hermes circulam entre presente, passado e futuro, em busca de olhos atentos que os decifrem.



"A solidão do cachorro bola", feita por Hermes Mancilha no ano de 1983

Posts relacionados

- Atingida pelas enchentes, Escola de Administração da UFRGS levanta reflexões sobre o prédio e seus espaços
- Em tempos de crise, comunidade acadêmica da UFRGS propõe ações para auxiliar estudantes e servidores...
- Cozinhas solidárias e o inadiável na cidade
- Rap, rodas e rissos: a comunidade afeta da EPA no enfrentamento à crise